

Sumário

Resumo.....	02
Considerações Iniciais.....	03
Pensamento de Heidegger é importante na elaboração da ontologia de Sartre.....	04
Jean-Paul Sartre.....	06
A má-fé.....	08
Conclusão.....	12
Bibliografia.....	13

Má-fé: Ontologia, Liberdade e Ética

Claudio
Mendonça
Departamento
de Filosofia
Filosofia
Contemporânea
CCE – PUC RJ
Agosto de 2015

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar os fundamentos da filosofia de Jean-Paul Sartre, ao mesmo tempo em que são apresentados temas necessários ao seu melhor entendimento. Além disto, o texto pretende analisar a questão da Má-Fé valendo-se de diferentes obras do autor em especial O Ser e Nada.

Palavras-chave: Filosofia, Fenomenologia, Jean-Paul Sartre, Liberdade, Má-Fé, Consciência, Ser e Nada.

Abstract: This article intends to present the basis of Jean-Paul Sartre's philosophy at same time that introduces some subjects necessary's to the knowledge of it. Besides that, intends to analyze the Bad Faith using different works of the French philosopher.

Key-words: Philosophy, Phenomenology, Philosophy, Jean-Paul Sartre, Freedom, Bad Faith, Consciences, Being and Nothing.

Considerações Iniciais

Um dos temas frequentemente explorados do pensamento de Sartre, a Má-Fé ganhar uma acepção muito distinta do uso vulgar e ainda da terminologia técnica jurídica. Ainda que em Ser e Nada o assunto seja - até certa medida - bem explorado, no restante de sua obra a questão se coloca de forma um tanto fragmentada. Por outro lado, o eixo central de sua obra, a questão da liberdade e seu espectro de consequências se traduzem na angústia e na má-fé como duas dimensões de extrema relevância. O que deve ficar claro desde já é que, no mesmo sentido, o conceito de liberdade para o filósofo francês se afasta um pouco do uso coloquial¹. Assim, entender o conceito de má-fé é um projeto menor do que a empreitada de fazer entender o termo liberdade, mas assim mesmo, esperamos, a tarefa menos eloquente irá ajudar a mais elevada.

Entendemos, todavia ser importante, em antes, dedicar alguns parágrafos ao pensamento fenomenológico e à ontologia desenvolvida pelo filósofo francês, com o objetivo de auxiliar a compreensão do tema escolhido para este artigo. A fenomenologia, como largamente conhecido, é um movimento que pretende responder à pergunta fundadora da filosofia, “o que é?”, entretanto dentro de um novo patamar. A questão da consciência ou da compreensão humana acerca do universo sempre foi um filosofema que ora reclamava uma construção metafísica ou uma profunda desconfiança em nosso aparelho sensorial. A escola fenomenológica propõe que cada experiência é um ato de consciência voltado a um algo específico num determinado tempo. Este novo posicionar do pensamento ganha a terminologia técnica de intencionalidade. Assim se forma um caminho de reconciliação entre o mundo externo e a cognição deste, o fim da dualidade entre dentro e fora. Uma tentativa de cura da situação problema que se colocava com a invocação do binômio *coisa em si versus fenômeno*. A questão da intencionalidade, aqui mais uma vez uma terminologia técnica que se afasta da ordinária, é chave vez que a aparência não possui *status* de suposição, mas de dar ao ente a valoração de ser. O mostrar-se escapa da perspectiva de ilusão tantas vezes construída pela filosofia da suspeita ôntica, para se situar no nível de uma ontologia concreta. Distante de uma resignação diante de um universo inapreensível promove-se uma inversão no sentido de afirmar o que esta AÍ. E este AÍ é dotado de presenças e ausências igualmente intencionáveis. Neste sentido é possível viver a presença ou a ausência de uma pessoa com a mesma intensidade, dimensão de pensamento e qualidade da experiência, o que ganha o nome técnico, agora traduzido, de intencionalidade vazia ou cheia conforme o caso.

A consciência não-reflexiva torna possível a reflexão: existe um cogito pré-reflexivo que é condição do cogito cartesiano. Ao mesmo tempo, a consciência não tética de contar é condição mesmo de minha atividade aditiva. (Jean-Paul Sartre, 1997:24)

O aspecto que se nos parece mais relevante é a visão da experiência humana em sua singularidade, admitindo uma efetiva mundanidade no mundo. O

¹ Basta ler o seu artigo: Nós nunca fomos mais livres do que na época da ocupação alemã.

sentido não transcendente de universo realiza a aceitação da percepção e da apercepção do mesmo como fruto de nossa experiência. Sob este espectro o fenômeno da morte, e.g., se coloca em aparente paradoxo, eis que o mesmo é o nosso *Alí* irrefutável. Contudo, neste caso, surgem duas circunstâncias. Primeiro a verificação de que a perda de um ente nos obriga a vivenciar o luto que é exatamente a tentativa de reconstruir o mundo com uma parte perdida igualmente para ambos. A outra é a constatação de que este mesmo mundo que é o nosso mundo, irá continuar sem a nossa presença. A fenomenologia é o pensamento capaz de construir um efetivo plano de imanência onde a experiência do homem pode ser dar de maneira própria, autêntica, possível, pensável.

O pensamento de Heidegger é importante na elaboração da ontologia de Sartre

Quando Martin Heidegger lança as bases de um ser humano que se coloca como uma presença lançada no mundo em um determinado tempo, colocando-se em abertura relacional diante dos demais seres que obedecem a mesma gramática existencial, fixando a existência no campo do comportamento, verificamos uma visão radicalmente nova de entender a filosofia. Uma nova ótica de entendimento ontológico que rompe com toda a tradição e mostra uma diversidade de inter-relações fundadoras dos seres-ai com seus desdobramentos no entendimento do tempo, da mortalidade ou mesmo da nadificação. No parágrafo 26 de *Ser e Tempo* temos a relação do *Dasein* com os outros, sua abertura para a alteridade o que o caracteriza como um ser-com os outros. Em um mundo compartilhado, o *mitdasein*, rompe sua *ipseidade* e passa a ser em relação a outros. Ainda no mesmo parágrafo, a co-presença se vale de elementos da linguagem como advérbios e pronomes para interpretar gramaticalmente estas situações de espaço e convívio intramundano. Alguns parágrafos são especialmente importantes: o 18 e o 34. São nesses dois momentos que se evidencia a importância do dizer para a constituição do *Dasein*. No primeiro deles esta colocada a questão da mundanidade na perspectiva interpretativa conjuntural do ser no mundo e sua necessidade de a ele atribuir significado.

Todavia, a própria significância, com que a presença sempre esta familiarizada, abriga em si a condição ontológica da possibilidade de o Dasein, em seus momentos compreender e interpretar, poder abrir "significados", que, por sua vez, fundam a possibilidade da palavra e da linguagem. (Heidegger, 2006:138)

Naturalmente, a interpretação do mundo ocorre pelo pensamento que tem a linguagem como fundamento abismal (*ab-grund*). A questão se aprofunda nos parágrafos 31 e seguintes até sua culminância no 34 onde a questão da linguagem ingressa como elemento ôntico essencial na analítica de *Ser e Tempo*. A questão, contudo, mereceria ter maior importância no contexto do livro, considerando o relevo que a mesma possui no conjunto da obra do filósofo da Floresta Negra. O binômio compreensão e interpretação, se conjuga a significado onde o ser-ai se coloca em posição de enunciador:

comunicando, declarando, predicando sujeitos. O conhecimento do mundo dentro dessa perspectiva se consolida em um ser falante, um falasser², como diria Lacan, onde a fala se traduz em linguagem. A exteriorização do pensamento exige a pronúncia e o silêncio em posição de escuta:

O nexo da fala com o compreender e a sua compreensibilidade torna-se claro a partir de uma possibilidade existencial inerente a própria fala que é a escuta. Não dizemos por acaso que não “compreendemos” quando não escutamos “bem”. A escuta é constitutiva da fala. E, assim como a articulação verbal esta fundada na fala, assim também a percepção acústica funda-se na escuta. Escutar é o estar aberto existencial do Dasein enquanto ser-com os outros. (Heidegger, 2006:163)

O fenômeno da quotidianidade da linguagem é o que Heidegger chama de falatório (Gerede), que se distingue pela degeneração da linguagem no ato comunicativo do dia a dia: fala-se muito e sobre tudo porque no fundo não se tem nada a dizer. (Marco Aurélio Werle, 2004:32).

O Ser-ai é um ser que fala, que nomina, que constrói o mundo através da atribuição de palavra a tudo o que há. Ter consciência, pensar, saber nos coloca no prisma da linguagem. Raciocinar e comunicar são capacidades imbricadas e a linguagem, seja ela de que natureza é elemento basilar de nossa possibilidade de ser. É a linguagem que proporciona a abertura do mundo, podemos afirmar com a mais absoluta convicção que não há logos sem a língua. A compreensão do mundo se faz pela via discursiva, a edificação dele decorre da capacidade de explicitá-lo quer através da palavra ou mesmo pelo silêncio que abre, por seu turno, a perspectiva de significação. Benedito Nunes em *Passagem para o Poético* traz o cita o verso *Nenhuma coisa existe onde falta a palavra* o que dá a exata idéia de que a palavra instaura o mundo e *contrario senso* o faz inexistir. Em *O Que é Isto – A Filosofia?* o mestre alemão explicita em suas conclusões que a linguagem ultrapassa seu caráter de *instrumento de expressão* e se confunde com o próprio pensar, inclusive a referencia com a efetiva essência grega da palavra logos, como aqui já dito, e conclama a uma correta reflexão sobre a linguagem ou melhor, uma reapropriação de seu valor ou lugar em nosso entendimento. Esta conferência, de agosto de 1955 se encerra demonstrando que a própria filosofia deve se coadunar com *a voz do ser do ente* que é a língua. E essa correspondência esta em pensar e poetar que se relacionam desde a origem, em que pese a intensidade de sua diferença.

O filósofo alemão é citado diversas vezes em *Ser e Nada* existindo, inclusive, vários pontos de similitude ou de simetria na organização ontológica de ambos. Ainda que os mais radicais filiados ao pensamento de um ou outro filósofo possam reputar como blasfêmia esta assertiva, entendemos que a

² Em Joyce, o Sintoma. Palestra de 1975 em Sorbonne.

leitura dos principais textos de M.H. é de grande valia para a melhor compreensão acerca da elaboração do pensamento de Sartre.

Jean-Paul Sartre

Sartre inaugura Ser e Nada reafirmando sua subscrição à teoria fenomenológica, se contrapondo, por suposto, ao raciocínio basculante entre ser e aparecer. Em sentido contrário à tradição o aparecer se coloca exatamente como essência do ser. Não há um desvelo, mas uma sucessão de aparições em manifestações que se traduzem em aparências e perfis em uma duração repetitiva e interligada. Eis a visão temporal ontológica do pensador francês. Dito isso, não há como não invocar Fernando Pessoa, melhor dizendo, Álvaro de Campos:

*Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligados por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de
mim? (Lisbon Revisited 1926)*

Ou:

Cada instante só surge para trazer os que lhe seguem. Apego-me a cada instante com todo o meu coração: sei que é único; insubstituível – e, no entanto não faria um gesto para impedi-lo de se aniquilar. (Sartre, Jean-Paul 1997:64)

A obra, então, propõe um entendimento da temporalidade que merece registro: *Já não distingo o presente do futuro e, no entanto isso tem uma duração.* Ou mais adiante: *É isso o tempo, o tempo inteiramente nu, que vem lentamente à existência.*³⁴

Em outra parte: *bruscamente se sente que o tempo se esgota, que cada instante leva a outro instante, esse a outro, e assim sucessivamente que cada instante se aniquila, é inútil tentar retê-lo.*

Essa percepção do tempo viscoso, ou mesmo apercebível em sua passagem é mostra de angústia, onde aquele se faz excessivo ou ao menos protagonista do viver. Ronquetin associa um caráter de aventura a um tempo dito irreversível, onde de fato ele perde sua presença e a ação humana se sobrepõe como que a preencher o vazio existencial. Situações que a arte, a emoção da aventura, as paixões arrebatadoras, venceriam o fastio existencial da vivência do tempo. Talvez aqui haja uma aproximação do conceito de *divertissement* de Blaise Pascal.

Não há, por óbvio, um aparecer sem um ser e a presença do ser-ai é o ser ontológico em sua plenitude essencial. Sem sentido, dentro desta ótica,

³ página 55

⁴ página 85

raciocinar fora na imanência, os entes se fazem seres em abertura, existindo de certa forma como um comportamento na gramática da realidade do homem, a única que se nos faz possível.

O conjunto "objeto-essência" constitui um todo organizado: a essência não está no objeto. Mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam. Mas o ser não é nem uma qualidade do objeto captável entre outras, nem um sentido do objeto. O objeto não remete ao ser como se fosse uma significação: seria impossível, por exemplo, definir o ser como uma presença – porque a ausência também revela o ser, já que não estar aí é ainda ser. O objeto não possui o ser, e sua existência não é uma participação no ser, ou qualquer outro gênero de relação com ele. (Jean-Paul Sartre, 1997:19)

Agora devemos ouvir como Sartre tratou os comportamentos a nosso ver, como sintomas, por vezes quadros multifacetados sugerindo, quiçá uma síndrome. Mas invariavelmente convertendo para o processo de angústia existencial. Vamos nos valer de exemplos de *A Náusea*.

*O Sr. de Rollebon me enfada*⁵.

*Não sinto vontade de trabalhar; não posso fazer nada mais a não ser esperar a noite*⁶.

*Também isso me dá Náusea. Ou antes é a Náusea. A Náusea não está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo o lado ao redor de mim. Ela forma um todo com o café: sou eu que estou nela.*⁷

Essa Náusea, no romance como na vida, aplacada pela arte como assinalaria Arthur Schopenhauer. No livro o exemplo é a música de Ella Fitzgerald... Paradoxalmente, todo este construto bem fixado no imanente acaba por se colocar como um caminho para uma metafísica da presença. Explico melhor: A percepção, a leitura da presença, demanda um conhecimento, um logos nominador e este acaba por remeter a uma metafísica. A consciência determina uma remissão metafísica capaz de dar sentido ao ser percebido, com sua apercepção cognoscente. A consciência exige uma apercepção do sujeito-objeto do conhecimento e é inadmissível supor um antes dela, uma anterioridade ou origem que não seja ela mesma. O percipiente é antes de tudo receptivo, passivo e relativista uma vez que este é paciente em sua atividade e em sua existência, pelo fato de que o conhecer não tem a potência de agir sobre. Todavia, a metafísica da consciência não implica numa transcendência do objeto. O perceber/aperceber importa em um elemento fundacional do ser ao mesmo tempo em que acolhe uma relação de transcendência inerente ao conhecimento este sim um construto valorado.

⁵ 1997:34

⁶ página 37

⁷ página 39

Neste sentido, o caminho entre aparência e ser se estreita ao nível da indiscernibilidade:

Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela se revela.

Partimos assim da pura aparência e chegamos ao pleno ser. A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja, cuja aparência exige ser. (Sartre, Jean-Paul 1997:64)

Sartre não se omite em observar a questão do ser como duração e corrupção. A temporalidade estatui um ser como um devir já que a consciência é um fenômeno atrelado à temporalidade e que na possibilidade de intencionar a ausência, permite um escapar desta própria temporalidade. O ser imagético subsiste ao efeito do devir.

Para haver destruição, é necessário primeiramente uma relação entre homem e o ser, quer dizer, uma transcendência, e, nos limites desta relação, que o homem apreenda um ser como destrutível. O que pressupõe um recorte limitativo de um ser no ser, e isso como vimos a propósito da verdade – já constitui uma nadificação. (Sartre, Jean-Paul 1997:49)

A consciência é, então necessariamente autoconsciente, ou seja, ter consciência é ser consciente. A mediação esta definitivamente descartada. Aquela possui dois atributos fundamentais: a liberdade e a negação essencial, eis que é capaz de construir um mundo ultrapassando a hipótese de um real despercebível. O nada passa a ser a constituição estrutural da existência. E o sujeito reflexivo se constitui e define o próprio.

A má-fé

JPS institui o conceito de má-fé propondo um paradoxo. O agente simultaneamente sabe e desconhece a verdade. A má-fé se difere do cinismo, por suposto, não há mentira, nem para si mesmo. Nem mesmo é admissível inserir o inconsciente freudiano neste jogo uma vez que é enfaticamente negado pelo filósofo francês. Ele apresenta, a meu ver sua melhor definição neste recorte:

Não pode ser dar o mesmo no caso da má-fé, se esta como dissemos, é mentir a si mesmo. Por certo para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma realidade desagradável ou apresentar como

verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto a estrutura da mentira. Só que - e isso muda tudo - na má-fé eu escondo a verdade de mim mesmo. Assim não existe nesse caso a dualidade do enganador e do enganado. A má-fé implica, por essência, ao contrário a unidade de uma consciência. (Sartre, Jean-Paul 1997:94)

Pelo exposto, estamos diante de um quadro onde se verifica um trilhar mais conveniente, destilando ideias que nos tentam levar para um lugar mais confortável do que vestir a roupagem da verdade, digamos em sentido técnico, ainda que possa haver um brilhante fragmento de verdade como alicerce a sustentar o discurso instaurador da má-fé. Dois compostos estratégicos deste cenário frequentemente se colocam como “ênfase direcionado” e a “omissão” com o condão de distorcer o entendimento.

Mais corriqueiro, desde que a tarefa de interpretar mensagens sem clareza costuma ser bem difícil, e geralmente menos interessante que o da verificação ou falsidade. A falta de clareza destas sentenças tende a desencorajar o projeto de crítica logo de pronto. (Traduzi de Detmer, David. Sartre Explained From the Bad Faith to Authenticity. Carus Publishing Company, Peru, Illinois, USA, e-book Kindle, Copyright, 2008:37%).

Em *Huis clo* – Entre Quatro Paredes - o escritor representa esta idéia na trama entre Garcin e Estelle, onde a prosperidade da má-fé daquele sobre esta, é sabotada, em parte, por Inez.

Em *A Náusea*, Roquentin em dado momento, cai em si, desaba em sua consciência a conduta de má-fé que praticava, acreditando e vendendo aos outros uma imagem de aventureiro pelos périplos ao redor do mundo.

Acabo de descobrir bruscamente, sem razão aparente, que mentia mim mesmo durante dez anos. As aventuras estão nos livros. E, naturalmente, tudo o que se conta nos livros pode acontecer realmente, mas não da mesma maneira. Era essa forma de acontecer, que era tão importante para mim, que eu prezava tanto. (página 63).

O escritor Ricardo Miotto, colunista da Folha de São Paulo em artigo de 25 de julho de 2015, trouxe um enfoque bastante interessante do comportamento autêntico do animal político na prática de suas defesas ideológicas o que, segundo ele, George Orwell, chamou de duplipensar. Vamos ver um pequeno trecho, afinal no campo das ideologias, o comportamento má-fé, encontra fértil guarida:

(...)

Em tempos de economia na vala, é achar que juros altos da dívida pública são uma desgraça que só favorece uma classe de rentistas, mas não ver problema se governo gasta mais do que arrecada, adiando a conta.

É ligar o mercado financeiro à voz da elite, mas defender generosos subsídios a empresários bilionários via BNDES.

É crer que cabe ao Estado decidir taxas de retorno da iniciativa privada, forçá-la a ser sócia da Petrobras (que parceira!) e depois lamentar que interessados em investir... ué, sumiram.

No campo social, é achar que a mulher que aborta é dona do seu corpo e destino, mas desdenhar a herege que faz cesárea (parto "não humanizado") ou desacelera a carreira porque é feliz cuidando dos filhos.

É mudar a análise do crime conforme a conveniência ideológica. É dizer, com óbvia razão, que estupradas não podem ser responsabilizadas pelo ocorrido, mas atribuir roubos à ostentação do paulistano, como faz Leonardo Sakamoto.

É atacar o machismo entre nós, mas, por relativismo cultural, calar ante atrocidades contra mulheres por islâmicos.

É, com justiça, valorizar o direito de realizar contratos livremente se gays querem casar, mas esquecê-lo ao perseguir o Uber, como Haddad, ou a Amazon, como propõe em lei uma senadora do PT.

É papagaiar sua opção política pelos pobres, mas demonizar o agronegócio, cuja produtividade significa comida mais barata no mercado -quanto menos dinheiro tem uma família, maior o impacto da alimentação no orçamento.

É dizer que a criança deve ser alfabetizada quando se sentir pronta, sem "opressões", mas saber que isso só vale para os filhos dos outros -os nossos vão ao colégio Bandeirantes, estudar norma culta e tabuada. (...)

A má-fé, como antes dito, é uma conduta, um comportamento, um estado da alma onde nem se instala um desejo consciente de iludir e nem é objeto de convicção e muito menos do estado de erro, eis que ambos implicariam numa boa-fé. Esta dualidade racionalmente entendida como agônica pode se perpetuar na medida em que a mesma não é posta à prova, ao contrário, há todo um repertório de evasivas, diversionismos, esquivas e invocações emocionais para evitá-las. Dai a sua natureza metaestável, termo que o francês pega emprestado da física. Muito interessante, ainda, é o debate

proposto por Paul Veyne em *Os Gregos Acreditavam em Seus Mitos?* Na obra, o autor demonstra a convivência entre a maiêutica socrática e os mitos. Vejamos, apenas para ilustrar, as últimas palavras daquele filósofo grego, registrada em *Fedão*: Critão, exclamou, devemos um galo a Asclépio. Não te esqueças de saldar essa dívida! O escritor, diante desta aporia, nos propõe a seguinte lógica conciliatória em muita apertada síntese: as duas ideias ambivalente convivem pacificamente. Isso para a criança, valendo-nos do argumento do próprio autor, é fácil de compreender. A criança sabe que foi o pai que comprou os presentes sem deixar de acreditar que o Bom Velhinho tenha visitado a casa durante a noite para deixá-los ao pé da árvore. Todavia, deve ficar claro que em todos os exemplos inscritos à nosso juízo neste artigo, há que se realizar a mutabilidade do que deve ser mudado. A má-fé exige uma fuga, uma nadificação que se vale de uma dinâmica multifacetada do Em-si em relação ao ser. Voltando a *Ser e Nada*, há um trecho especialmente conclusivo ao final do capítulo que buscamos aqui interpretar: A constante justificativa de essência, onde a pessoa justifica sua atitude pela sua natureza ou historicidade ou ainda atribuindo a condução de forças metafísicas que teriam atuado especificamente naquele momento, são duas maneiras frequentes de identificar o comportamento. O problema que se coloca indo adiante no raciocínio é a questão da consciência vez que não posso ser definido como uma resultante de minhas atitudes ou emoções pela simples razão que elas sofrem um processo constante de significação e ressignificação que servem de matéria prima para a distorção e construção de imagem. Essa imagem é construída para si antes mesmo que para ser vendida aos outros, dando razoabilidade e justiça aos atos praticados tendo em vista as circunstâncias tão especiais, cuidadosamente elaboradas em pontos de vista unilaterais, seletivos e indulgentes. Nós somos e não somos o somatório de nossos passados e futuros. As vergonhas do passado e as angústias do futuro são cuidadosamente tratadas em leituras e releituras. Um exemplo interessante é quando um alcoólatra – e aí há outro filosofema sartreano por que se vamos aos píncaros da sinceridade e nos assumimos nesta condição, também temos de ter em mente que ninguém é essencialmente digno de rótulo algum, até porque ele pode se transformar em novo mecanismo de falsidade justificatória e auto ilusória – recebe a notícia de que alguém morreu de cirrose. Logo surgem as perguntas: mas bebia quanto? Destilados ou fermentados? Desde que idade? Para logo buscar a confortável conclusão de que seu caso não se aplica a aquela hipótese.

O pensador francês, apesar de todo o peso ético que a temática invoca, coloca a questão em um patamar de inevitabilidade fazendo breve remissão há hipótese de um comportamento autêntico que mereceu, tão somente, uma esperançosa nota de rodapé ao final do capítulo.

Conclusão

O projeto de Sartre é antes de tudo um trilhar que se inicia na fenomenologia, passa pela liberdade, produz a analítica da má-fé e de diversos estados da alma e se alicerça na consciência que se divide em tética ou não. Consciência eminentemente intuitiva⁸, vez que quando convertida em conhecimento sofre longo processo de destilação e filtragem. O francês não poupa nem o inconsciente como álibi, tão evocado pela psicanálise freudiana. A absoluta liberdade consolida-se em inefável responsabilidade que arrasta o ser-para-si para frequente estado de angústia, com seus mecanismos de fuga. O mais interessante deles, foi objeto de rápida análise neste artigo. A filosofia de Jean-Paul Sartre nos conduz a uma ética que não admite escusa de qualquer natureza, nos remete a um patamar vertiginoso de liberdade-responsabilidade. Dentro desta visão sempre há escolha e esta, demanda inexoravelmente uma responsabilidade e um responsável. A questão da má-fé parece uma legítima construção que tenta suportar o insuportável e, ao mesmo tempo, o inalienável da vida: a liberdade. Diante da dádiva e do simultâneo fardo, a fuga não se apresenta como exceção, atitude absurda ou resultado de uma mente desarrazoada. Quando constatamos com Roquentin que *quando se vive nada acontece. Os cenários mudam, as pessoas entram e saem, eis tudo. Nunca há começos. Os dias se sucedem aos dias, sem rima, nem solução: é uma soma monótona e interminável*⁹. Quiçá, a vida em autenticidade seja tão difícil que beira a quimera. Ao mesmo tempo, julgar que este comportamento é inevitável a nós viventes se torna (irônico e tautologicamente) um ato de má-fé...

⁸ Este é o argumento do livro *Who's in Charge? Free Will and the Science of the Brain*. Cujas resenha da Revista Veja é: O pai da neurociência cognitiva apresenta argumentos contra o senso comum de que somos guiados pelo livre-arbítrio. Para Gazzaniga, a mente é gerada pelo cérebro, que guiado pelo determinismo biológico define quem nós somos. O assunto foi objeto de artigo na revista Superinteressante Edição 256 de Setembro de 2008.

⁹ Página 66

Bibliografia

- Pascal, Blaise. Pensamentos. Os Pensadores. São Paulo, SP. Abril Cultural 1973.
- Heidegger, Martin. Os Pensadores. Conferências e escritos filosóficos, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1979.
- Heidegger, Martin. Ensaio e Conferência, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1997.
- Heidegger, Martin. Ser e Tempo, Pensamento Humano, Petrópolis, RJ Editora Vozes, 2006.
- Heidegger, Martin. Sobre a Questão do Pensamento. Petrópolis, RJ Editora Vozes, 2009.
- Heidegger, Martin. Ensaio e Conferências. Petrópolis, RJ Editora Vozes, 1997.
- Heidegger, Martin. Ser e Verdade. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2007.
- Pascal, Blaise. Pensamentos. Os Pensadores. São Paulo, SP. Abril Cultural 1973.
- Beistegui, Miguel de. The New Heidegger. New York, NY: Continuum International Publishing Group 2006.
- Dubois, Christian. Heidegger: Introdução a Uma Leitura. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda 2004.
- Adorno Theodor e Horkheimer, Max. Dialética do Conhecimento. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda 2006
- Sokolowski, Robert. Introdução à Fenomenologia. São Paulo, SP. Edições Loyola, 2014.
- Sartre, Jean-Paul. Ser e Nada. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- Sartre, Jean-Paul. A Náusea. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.
- Sartre, Jean-Paul. Entre Quatro Paredes. São Paulo, SP: Sociedade Brasileira de Comédia, 1950.
- Sartre, Jean-Paul. O Que é a Subjetividade. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2014.
- Detmer, David. Sartre Explained. From Bad Faith to Authenticity. Chicago, Illinois: Open Court. E-book Kindle.
- Meszáro, István. A Obra de Sartre. Busca da Liberdade e Desafio da História: Boitempo Editorial. E-book Kindle.
- Colette, Jacques. Existencialismo.: L & PM Pocket. E-book Kindle.
- Veyne, Paul: Editora UNESP São Paulo, SP, 2013
- Pessoa, Fernando. Obras Completas. Volume 2: Editora Aguilar, Rio de Janeiro, RJ 1986.